

Julho Verde: seminário virtual debate desafios no controle do câncer de cabeça e pescoço

No Brasil, os dados referentes aos cânceres de cabeça e pescoço, com exceção da tireoide, mostram que 76% dos casos só são diagnosticados em estágio avançado, o que dificulta o tratamento e piora o prognóstico. A importância do diagnóstico precoce e a atuação do INCA no controle da doença foram alguns dos temas discutidos no seminário virtual *Câncer de cabeça e pescoço: desafios e perspectivas*, realizado no dia 15 de julho em alusão ao Julho Verde, mês de conscientização sobre o tema.

Na abertura, Andréa Reis, chefe da Divisão de Controle do Tabagismo e Outros Fatores de Risco (DITAB), citou o panorama brasileiro do câncer de cabeça e pescoço, termo genérico que engloba uma série de tumores malignos que podem aparecer na boca, orofaringe, laringe (cordas vocais), nariz, seios nasais, nasofaringe, órbita, pescoço e tireoide.

Entre os homens, os tumores de cavidade oral são o quinto tipo de câncer mais comum (11.200 casos anuais estimados) e os de laringe (6.470 casos anuais estimados), o nono mais frequente. A incidência é menor na população feminina: as estimativas apontam que, anualmente, sejam diagnosticadas, no Brasil, 4.010 mulheres com câncer de cavidade oral e 1.180 de laringe.

O tabagismo e o consumo de álcool são as principais causas, mas a infecção por HPV também é um fator de risco, como alertou a diretora-geral do Instituto, Ana Cristina Pinho. “A detecção precoce é outro desafio. Infelizmente, no Brasil, a maioria dos pacientes com esse tipo de câncer chega às unidades de saúde com quadros muito avançados da doença”, destacou a diretora-geral.

A coordenadora de Prevenção e Vigilância, Liz Almeida, ressaltou a importância de se adotar certos cuidados no dia a dia. “Um deles é o uso do protetor labial. As pessoas se preocupam muito com a pele do rosto, mas esquecem dos lábios. É extremamente importante o uso do protetor para quem passa o dia todo exposto ao sol”, observou.

Fumar quintuplica riscos de tumores

No caso de tumores da orofaringe, os principais fatores de risco são o tabagismo, o consumo de álcool e infecção por HPV. O fumante tem cinco vezes mais chance de desenvolver câncer de cabeça e pescoço, e o risco sobe para dez vezes se o consumo de tabaco for associado ao de álcool. Por essa razão, a chefe da Divisão de Vigilância e Análise de Situação (DIVASI), Marianna Cancela, defendeu a redução do uso dessas substâncias como uma das formas de



Discussão entre especialistas na área, mediada pela jornalista Natashi Franco (à esquerda), encerrou o evento

prevenção da doença, assim como uma aderência maior à vacinação contra o vírus HPV, para ambos os sexos.

Dentre os fatores associados ao desenvolvimento dos tumores, porém menos conhecidos, inclui-se a má higiene bucal e a desnutrição, entre outros. “O câncer de cabeça e pescoço pode ocorrer em pessoas com histórico familiar da doença, predisposição genética e obesidade, segundo estudos mais recentes, além das expostas a fatores de risco ocupacionais, como o contato com poeira de madeira, amianto, ácidos fortes e radiações”, enumerou Marianna.

Na palestra seguinte, Adriana Atty, da Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede (DIDEPRE), abordou a relevância de ações de capacitação dos profissionais de saúde, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), para promover o diagnóstico precoce. “A população precisa saber que, nos primeiros sintomas, pode procurar a atenção básica, e essa unidade precisa acolher esse paciente”, disse.

Os sinais de alerta para câncer da cavidade oral são: uma ferida que não cicatriza, nódulos no pescoço, rouquidão persistente, dificuldade de mastigação e deglutição, dificuldade na fala e assimetria facial. O diagnóstico realizado na fase inicial da doença diminui as chances de sequelas resultantes de tratamentos em tumores com grandes dimensões.

Em sua apresentação, o chefe da Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do INCA, Fernando Dias, mostrou imagens de lesões provocadas pelos tumores na boca e lembrou que a doença, normalmente, começa a se manifestar após uma exposição prolongada aos fatores de risco. Dentre os agentes que podem desencadear o câncer na região, além do álcool e do tabaco, também está o refluxo gastroesofágico.

O encontro contou com a participação do coordenador de Assistência do Instituto, Gelcio Mendes, da coordenadora-geral substituta de Saúde Bucal do Ministério da Saúde, Mariana das Neves Sant’Anna Tunala, e da cirurgiã-dentista Mara Demier, que deu um depoimento sobre sua experiência como profissional e como paciente, já que em 2018 desenvolveu câncer de cabeça e pescoço.

O seminário foi encerrado com um debate entre Andréa Reis, da DITAB; Águeda Miranda, presidente da Sociedade Brasileira de Estomatologia e Patologia Oral; Antônio Gonçalves, professor titular da Santa Casa e presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço; e Ana Beatriz de Souza Paes, assessora técnica da Coordenação-Geral de Saúde Bucal do Ministério da Saúde. A jornalista Natashi Franco, da Band Rio, fez a mediação.